

Caderno de Leituras n.105

TEXTO

Vivian Abenshushan

TRADUÇÃO

Gabriel Bueno da Costa

Notas sobre os doentes de velocidade

NOTA DA EDITORA

“Notas sobre os doentes de velocidade” é parte do livro *Escritos para desocupados* (2013), da escritora mexicana e editora da Tumbona Ediciones Vivian Abenshushan (Cidade do México, 1972). O livro está disponível no site escritosdesocupados.com, e nele lemos: “Creative Commons – Os conteúdos deste livro podem ser reproduzidos e compartilhados por qualquer meio, contanto que não se faça isso para fins comerciais, que se respeite sua autoria e esta nota seja mantida”. Noutras páginas do mesmo site, a autora compila indicações de livros, filmes, músicas e outras produções que dialogam com seu livro. Este é o segundo texto de Vivian Abenshushan que publicamos na coleção Caderno de Leituras – ver n.104, [Genealogia do ocioso](#) –, ambos indicados pelo tradutor Gabriel Bueno, a quem gostaríamos de agradecer.

E quem poderá nos dizer se um belo dia não começaremos a nos cansar até da própria velocidade?

Valery Larbaud

Penso em uma história política da velocidade. Começaria com os revolucionários franceses disparando em direção a todos os relógios das praças públicas.

O que é um relógio? Uma forma de parcelar a existência em fragmentos definidos e atividades regulamentadas. Um adorno com funções policiais.

Relógios de sol ao redor dos quais se deslocam as sombras, inúteis em um dia nublado. Relógios em que escorriam gotas de água ou a areia deslizava. Artefatos aproximados e inexatos, anteriores ao relógio mecânico, alheios à produtividade. Os revolucionários franceses disparavam contra outro tipo de relógios, os mesmos que presidiram a vida regrada dos mosteiros desde o século XI e, mais tarde, as torres das prefeituras de toda a Europa. Esses relógios de precisão se difundiram durante o Renascimento nas cortes reais, onde se investiam fortunas para aperfeiçoá-los. Aparatos cada vez mais sofisticados, nos quais finalmente habitariam os ponteiros de minuto e segundo, ditando cada movimento dos homens, símbolos de poderio e controle social, os tiranos do cotidiano.

O agricultor trabalhava em conformidade com os processos cíclicos da natureza; o artesão o fazia segundo o tempo necessário para aperfeiçoar seus objetos. O operário, por outro lado, trabalhava seguindo as necessidades da indústria, fundada no princípio de “mais produção em menos tempo” (as origens da nossa pressa). À medida que as pessoas se mudaram do campo para a cidade e começaram a trabalhar nos mercados e nas fábricas, nos primórdios do capitalismo, seus dias foram

À margem tenho que dizer: eu também conheço o êxtase da velocidade. Uma noite, para viajar no contrafluxo da rodovia Cidade do México-Cuernavaca, saí da cidade na véspera do ano-novo. O restante do mundo, por sua vez, parecia retornar dela. Do outro lado, o tráfego se movia como um molusco. Do meu, a rodovia estava deserta. Foi então que sentei o pé no acelerador, atenta à aparição de algum carro. Viajava sozinha. Quando vou com meu marido e meu filho, não passo dos 110 km/h, por precaução. Me tornei uma motorista lenta e as viagens longas, na estrada, quando vou ao volante, costumam ser eternas. Temo a velocidade porque conheço minhas debilidades. Sou uma mulher ansiosa e presa fácil dos vícios. Após dez anos sem fumar, meus pulmões ainda não se recuperaram de minhas noites de viciada em tabaco. E voltar a escrever depois disso foi tão difícil e doloroso que procurei não associar meu “trabalho intelectual” a nenhuma outra substância tóxica. Tenho medo da dor da perda, do insuportável dia seguinte. Naquela noite, porém, as condições haviam abolido para mim o limite de velocidade. A rodovia estava submersa na escuridão e sobre ela, atravessando-a, as linhas fluorescentes do asfalto adquiriam uma densidade cósmica. Lembro que escutava a música eletrônica do Air a todo volume: sons interestelares e atmosferas subaquáticas estendidos durante longos minutos. *Trip-hop*. Descia à toda velocidade por um túnel de curvas perigosas cuidadosamente sinalizadas. Aquilo parecia o pavilhão do ouvido do mundo. No meu corpo (a boca do estômago, os músculos), palpitava uma emoção ambígua: metade

se rebaixando a segmentos cada vez mais finamente divididos. O tempo para trabalhar e o tempo para comer, o tempo para abrir as portas e o tempo para fechá-las, a hora das assembleias e as reuniões nas tavernas, a hora de dormir e a de voltar a começar.

“O relógio converte o tempo de um processo da natureza em uma mercadoria que se pode medir, comprar e vender, como telas ou sabões” (George Woodcock).

Quem são os únicos que não têm pressa? Os vagabundos, os farristas, os desocupados e as crianças, que são as imperadoras do tempo verdadeiramente livre, esse que ainda não entrou na sala escura dos interrogatórios. Todas elas se encontram em posse de seu tempo e enquanto brincam ou caminham a esmo não há um ponteiro que lhes recorde a hora. Entre esses se encontram também os preguiçosos, os que abandonam as tarefas, os que desertam. A preguiça é isso, “uma estratégia subjetiva para desrespeitar as coerções do relógio” (Barthes). O preguiçoso é, segundo a etimologia latina, um homem lento. Alguém que desafia de maneira indireta o dogma unificador da prontidão, um rebelde passivo: faz as coisas, é verdade, mas mal e com demora.

Trocar a frase: “Trabalhar contrarrelógio” por “trabalhar contra o relógio”.¹

1 [Nota do tradutor] No original: “Cambiar la frase: ‘Trabajar contra reloj’ por ‘trabajar contra el reloj’.” A autora se opõe, portanto, à corrida contra o tempo - “contrarrelógio”, expressão de alguns esportes, como o ciclismo, em que vence aquele que obtiver o menor tempo no cronômetro - e defende uma espécie de libertação da tirania do tempo totalmente dividido e regado, “útil”, simbolizado pelo relógio.

medo, metade excitação. Por acaso eu estava às portas de uma percepção distinta? No umbral da transgressão? A luz intensa sobre o fundo negro, a desapareção da paisagem, uma sensibilidade acústica intensificada, a proximidade do perigo: tudo aquilo propiciava uma sensação de falta de gravidade. A velocidade é isso: perder peso. De repente, eu era um peixe no aquário, um astronauta flutuando entre nuvens de gás e matéria escura. Atravessava uma experiência estética que pouco ou nada se afastava dos estados alterados de consciência. Eu sentia a embriaguez do líquido, a vertigem daquela noite estrelada que apenas me mostrava o movimento, a fuga, a ultrapassagem. E eu não tinha tomado nada; todo o efeito dependia da velocidade. Em algum momento, tive o desejo de ir ainda mais rápido, sentir talvez a proximidade da morte. Como tinha acontecido comigo tantas outras vezes com o cigarro, me encontrava às portas de um prazer sublime (sombrio e belo e inevitavelmente doloroso) de que emergia um tipo de sentimento metafísico que alguns piegas ainda chamam eternidade.

Em 1977, Bill Gates foi detido em Albuquerque por dirigir em excesso de velocidade. Uma famosa foto o mostra posando para a ficha policial com um sorriso adolescente e cândido. Acontecia-lhe com frequência, reincidia sem remorsos. Dois anos antes havia fundado a Microsoft, uma companhia de software em que trabalhava e programava todos os dias até o amanhecer (inclusive nos fins de semana). Sua única distração: os automóveis. Porsche 930, Porsche 959, Mercedes, Jaguar XJ6,

Como assinalou Lewis Mumford, o relógio é a máquina-chave da era das máquinas, por sua influência tanto na tecnologia como nos costumes humanos. Em seu coração mecânico batia já o motor do progresso obsessivo com a velocidade, cujo primeiro clímax é o automóvel.

“Um dos maiores prazeres da vida é viajar em uma carroça que corre a toda brida”, disse o Doutor Johnson no século XVIII.

Um século mais tarde, em 1849, o escritor inglês Thomas de Quincey aderiu à celebração da velocidade, mas, ao olhar o mundo pela primeira vez a partir do banco de uma carruagem-correio, intuiu (“em um relâmpago de terrível intuição simultânea”) que se tratava de um prazer abominável, em cujo fundo se assomava a possibilidade de que a viagem acabasse mal, entre veículos batidos, rodas e pernas retorcidas, em meio a uma incompreensível confusão. No fundo da velocidade espreitava a morte súbita.

*The English Mail-Coach*² é um dos primeiros relatos sobre a perda de controle de nossas próteses técnicas. Em meio à vertigem do novo veículo, entre saltos e sacudidas, De Quincey entendeu que na aceleração existe algo irresistível e proibido, uma sedução trágica de consequências incalculáveis, e descreveu pela primeira vez o caráter paradoxal da velocidade: por um lado, fonte de fascinação e símbolo de liberdade, movimento e ausência de gravidade (o corpo liberado, por fim, de seu próprio peso); mas também: agente da catástrofe

Carrera Cabriolet 964, Ferrari 348. Trocava de marca com os tremores de um viciado. Amava a velocidade quase tanto quanto a programação. Mas não se tratava, no fundo, de uma mesma vocação? Chegar mais longe, cada vez mais rápido. O espírito do *turbocapitalismo* encarnado em uma única pessoa. Não é por acaso que um de seus livros sobre a importância da internet no mercado se intitule: *Negócios à velocidade do pensamento*.¹

A velocidade destrói. Não é por isso que no fundo nos parece sedutora? Penso em todas essas pessoas que assinam suas apólices de seguro contra acidentes como se fossem as atas de sua sentença de morte. E depois de olhar os esqueletos de carros batidos pendurados pelos guindastes, não deveríamos pensar, como fez J. G. Ballard, que, se na verdade temêssemos o acidente, a maioria de nós seria incapaz de comprar um carro, quanto mais dirigi-lo? Mas na verdade acontece o contrário. Passamos boa parte de nossa vida no carro, embora lhe dirijamos diariamente nossas queixas. O século XX, diz Ballard, alcança quase sua mais pura expressão na rodovia. Até a chegada da internet, o carro foi a prisão perfeita, nosso pequeno universo de metal e plástico, o lugar em que podíamos gozar uma sensação de liberdade, leveza, porvir, enquanto víamos passar a vida pelas janelas. O que substituirá o volante? O deslocamento por controle remoto, ou seja, o confinamento nas vias de informação, em que a velocidade encontrou seu

2 [N.t.] Ensaio em três partes de Thomas de Quincey (1785-1859), que evoca em seu título o sistema de entregas de cartas por carruagens-correio usado na Grã-Bretanha, na Irlanda e na Austrália, entre o século XVIII e meados do XIX.

1 [N.t.] No Brasil, *A empresa na velocidade do pensamento*.

(uma louva-a-deus que termina por devorar seu amante).

Como faria com o tema do assassinato, a beleza do incêndio e os efeitos do láudano, a primeira coisa que De Quincey percebeu ante a chegada da carruagem-correio foi o acontecimento estético, aqueles “grandiosos efeitos visuais conseguidos entre a luz da carruagem e a escuridão dos caminhos solitários”, aquela “glória do movimento” associada à sucessão trepidante das imagens noturnas. De Quincey amava a amplitude de perspectivas que adquiria a realidade vista a partir do teto do veículo e também a rapidez com que se transmitiam as vitórias de Waterloo. Mas nada superava o prazer de observar esses últimos veículos deslizando como rajadas pela janela. O movimento de quem permanece imóvel, isso deve tê-lo entusiasmado enormemente: a forma como a quietude no interior do veículo era envolta por um cenário frenético, exatamente como acontecia com o comedor de ópio em seus devaneios. Eis aí como a velocidade (inclusive aquela de onze milhas por minuto³ que hoje nos parece ridícula) já era uma percepção alterada do mundo, alucinação instantânea (e sem síndrome de abstinência) que havia chegado para ampliar as dimensões da ilusão.

Antes que o cinema o fizesse, De Quincey inventou o artifício da câmera lenta. No fim das contas, *The English Mail-Coach* não é nada além do relato obsessivo de um acidente congelado no tempo: o momento em que um veículo, no qual viaja o próprio De Quincey, está a

mais além; a velocidade da luz, a velocidade das ondas eletromagnéticas.

Leio *Crash*, o romance em que Ballard leva sua meditação sobre as chaves de uma nova sexualidade associada ao automóvel até suas últimas consequências. Perturbador e reiterativo, cheio de vísceras e choques grotescos, em *Crash* os personagens não apenas não temem o acidente, mas na verdade o desejam e buscam obsessivamente. O erotismo perverso das batidas de carro, os radiadores afundados entre as pernas como fetiche sexual. Esse reino em que imperavam a violência e o coito foi a metáfora premonitória com que Ballard anunciava a colonização do corpo pela técnica. Como sua adaptação ao cinema por David Cronenberg, o romance provocou discussões ríspidas sobre os limites da censura. Devia ou não ser publicado? Antes já havia ocorrido o mesmo com uma série de serigrafias de automóveis batidos realizada por Andy Warhol nos anos sessenta, com imagens extraídas da imprensa sensacionalista. Nenhuma galeria queria mostrá-las. Porque a sociedade não suporta a exibição de sua própria obscenidade. E teme a morte (embora sua proximidade lhe pareça excitante). No fim das contas, não vivemos colados ao espetáculo do atroz transmitido a cada noite no noticiário?

Li que a cada quatro vezes que alguém escreve uma palavra em uma busca de internet, em uma delas a palavra está relacionada a sexo ou pornografia. Não é o seu caso, lógico. Mas a metáfora do corpo-máquina se tornou, admitamos ou

3 [N.t.] Aparentemente a autora desejava dizer onze milhas por hora, equivalente a pouco mais de 17 quilômetros por hora.

ponto de provocar a morte de um jovem casal que caminha distraidamente em uma caleche. O fato inevitável da catástrofe teve um efeito tão brutal na imaginação sempre excitável de De Quincey – uma imaginação que, além de ser a maior de suas faculdades, havia se robustecido de maneira dramática graças a seu vício por ópio – que deixou como seqüela pesadelos durante vários meses, como se algo no fundo de seu cérebro necessitasse de repetições contínuas (e em *ralenti*⁴) daquele momento impenetrável.

Embora elogiasse a velocidade, De Quincey foi sobretudo um habitante da lentidão, o meio natural do viciado em ópio e do escritor absorto, alheio aos ditames do relógio. Homem de outro tempo, De Quincey viveu a mutação radical dos ritmos humanos introduzida pela máquina, mas nunca se adaptou à pressa das grandes cidades industriais; o ópio e a escrita foram os bastiões em que se entrincheirou sozinho. Sua narração em câmera lenta, atravessada pelo ritmo vegetal do ópio, já é uma crítica ao excesso de velocidade.

O século XIX foi simultaneamente o século da Revolução Industrial e a era dos grandes comedores de ópio. De que outro modo era possível suportar uma vida dedicada a apertar parafusos no mesmo lugar, doze horas por dia? Tanto trabalho sem valor, tanta pressa, semearam vários inválidos nas casas de ópio e nas tabernas. A chegada da máquina cumpria os ideais da industrialização, mas logo isso saiu do confinamento das fábricas para encadear os ritmos da vida urbana. De um momento para outro, a celeridade das cidades sepultava os costumes

não, nossa maneira de estar no mundo, livres das amarras do espaço e do tempo, abduzidos pela velocidade das comunicações instantâneas. Pode haver algo mais viciante que a satisfação imediata? Isso é a internet: a droga definitiva. “Um lugar no qual podemos nos abandonar aos prazeres corporais liberando-nos de nossos corpos reais” (Slavoj Žižek). Os personagens de Ballard acreditavam ainda no prazer dos fermentos. Tenho muitos amigos que perderam o juízo alimentando todo tipo de obsessões através da rede, maquinando relações fantasmiais que os mantêm atados à tela como o *junkie* à seringa. Mas seus corpos permanecem incólumes, distantes da ameaça da aids ou da decepção sexual. A falta de gravidade (ou desmantelamento do corpo) fabrica suas intoxicações. Quem não demonstrará sua impaciência diante de qualquer processo real de sedução frente à certeza de que o mecanismo ligeiro do ciberespaço funciona de imediato, em qualquer parte?

Descrevi no outro extremo deste ensaio o lado sombrio da velocidade, que tem seduzido e conquistado o mundo. Mencionei o ministério público, onde se acumulam mortes por excesso de velocidade. Mas deste lado não julgo. Me pergunto se eu, em lugar de condenar a velocidade, conseguisse afastá-la e olhá-la de frente, se pudesse indagar minha própria relação com ela (suas seduções, minhas resistências), se conseguisse isso, conseguiria torná-la uma substância complexa, despojá-la de sua barbárie: compreendê-la. Porque o único crime do ensaísta é o de ser superficial, passar pelas coisas demasiado

4 [N.t.] *Ralenti*: em francês no original, em ritmo lento, vagarosamente.

que haviam prevalecido durante séculos, associados aos ritmos agrícolas, às festas religiosas, aos períodos de trabalho e ócio da oficina familiar. A experiência era vertiginosa, excitante, e ao mesmo tempo produzia uma alteração profunda, uma ansiedade incurável.

Tédio, desassossego, *spleen*: os primeiros malestares da velocidade.

“O ópio domesticado adoçará a dor das cidades”, esse era o remédio que pediria Jean Cocteau para curar os doentes de velocidade, uma desintoxicação da realidade pela via de uma intoxicação contrária: permanecer imóvel na cama, entregar-se à vida mental, renunciar aos horários de uma existência atrofiada e regida pela produção.

De Quincey entendeu que a velocidade era uma forma de ver que excedia o olhar humano. Chegava-se a ela sempre tarde demais, como se a realidade sobre rodas fosse inalcançável e nunca fosse possível lançar sobre ela a sonda do pensamento. Não havia meio de harmonizar a rapidez do acidente e a assimilação da experiência, a leitura dos acontecimentos. Quando ele advertiu a dificuldade de ver as coisas através das barreiras da velocidade, decidiu retornar ao observatório (extraordinariamente mais atento e pausado) da escrita, a única força capaz de manipular o instante e estudá-lo de perto, como um pássaro dissecado em pleno voo. Escrevendo: assim se alivia a alma do choque da velocidade. Em sua narração, a catástrofe progride com um ritmo lentíssimo, oposto ao de sua violência súbita, como se De Quincey quisesse penetrar nos personagens da caleche até fazê-los se desprender de sua agonia.

“Entre eles e a eternidade, para todo cálculo

rápido. A ensaísta é uma mulher lenta? Eu sou, embora tenha um iMac de quatro memórias que é um azougue. Sou uma habitante do tempo lento. Demasiado lento. Uma mulher não pontual. E estas são minhas confissões.

Tenho dez anos e no rádio do carro se escuta, minuto a minuto, a “hora do Observatório, a mesma de Haste, Haste, a hora do México”.² Faz frio, saímos correndo. Minha irmã e eu comemos um pedaço de pão tostado com geleia no banco de trás do Volkswagen. Minha mamãe dirige; meu papai fica em casa dormindo (sofre de insônia ou lê até as cinco da manhã). Lembro da cena como uma imagem recorrente, quase como uma definição precoce de meus ritmos adultos: embora vivêssemos a seis quadras da escola, sempre chegávamos tarde. Ou em cima da hora. Usávamos a proximidade como desculpa para acordarmos tarde e sem pressa, para atrasar nossa entrada no mundo uns minutos a mais, que sempre me pareceram muito breves. Como faziam as crianças que viviam do outro lado da cidade para chegar na hora? Talvez não resistissem. Ou resistiam menos. Pobres criaturas domesticadas. Nós, por outro lado, como nosso pai, adorávamos a cama. Adoramos ainda, o encantamento da posição horizontal, a sabedoria da quietude. Uma tendência melancólica? Apenas em parte. Sintomas de um corpo enfermiço e sem vigor? Quase

2 [N.t.] A frase entre aspas era repetida várias vezes ao dia na rádio XEQK-AM, que desde os anos 1940 intercala a hora exata com propagandas e já faz parte do imaginário da Cidade do México. Haste é uma marca de relógio.

humano, não há nada além de um minuto e meio”. Conheço poucas frases mais belas e arrepiantes sobre a natureza do acidente que esse minuto e meio amplificado na narração de De Quincey antes que a morte aparecesse, de repente, incontestável. Trata-se de uma frase que antecipa aquela outra, escrita na virada do século, em pleno império da velocidade, por Cocteau, outro adorador do ópio e suas propriedades para estender o tempo: “Um acidente de automóvel, uma catástrofe ferroviária, são as obras de arte do inesperado. Se pudéssemos ver em *ralenti* como velocidade e imobilidade torcem o ferro com dedos de estilista!”.

A capacidade de deter a ação indefinidamente não continua a ser uma das qualidades da arte? Não se trata apenas de estilizar a atrocidade do acidente, mas sim de se embrenhar nele para tratar de entendê-lo.

Ao ler a velocidade, atuamos como taxidermistas do segundo. Resistimos a desaparecer.

Paul Morand disse que a velocidade – a droga do século XX – não era apenas um estimulante, mas também um depressor, um explosivo cujo manuseio era perigoso, capaz de fazer saltar não apenas nós mesmos mas o universo inteiro. “O único vício novo”, sentenciou em seu ensaio “Sobre a velocidade”. Uma substância tóxica, assassina e vibrante que conectava todas as cidades. Cosmopolita e esnobe, adorador dos deslocamentos e das viagens motorizadas, Morand se entretinha dando corda todos os dias em todos os relógios do mundo. Como primeiro habitante da aldeia global, a melhor parte de sua obra se encontra em seus livros de viagem. Mas, entre todas as suas explorações (Nova York e a Cidade do México incluídas), a mais lúcida (e perigosa) foi a que

nunca. É simplesmente que ali dentro o mundo não nos exigia. Em posição fetal ou esparramadas, quase obscenas, ali éramos completamente nós mesmas; a fronha do travesseiro era a bandeira com a qual exigíamos nossa solidão. Porque não há espaço mais amplo nem lugar em que um indivíduo seja mais livre do que sua própria cama. A partir dali pode observar seus domínios mentais. A cama é sediciosa, sobretudo quando se faz bom uso dela. Não me espanta que a realidade conspire com tanta veemência contra ela. Mas todos os acusadores da cama fazem sermões em vão: se entra e se sai da cama, mas a ela se retorna sempre. Acredito que minhas melhores ideias (talvez, diria, as únicas) foram concebidas ali, na cama, e quando terminei a universidade fiz todo o possível para não voltar a ter horários coercitivos que me tirassem dos lençóis violentamente. Mas o mundo não se importa com sua cama, padece “o mal do ímpeto” e a enfermidade do progresso, como os Zurov, os personagens hiperativos do romance de Iván Goncharov. Ou como minha mãe, que é uma mulher extraordinariamente ativa, valente, madrugadora, amante das caminhadas e do ar livre: o exato oposto (e complemento) de meu pai. Nada a detém, em seus setenta e três anos conserva uma energia vital arrasadora. Fica inquieta se continua na cama e ainda hoje se desespera um pouco porque suas filhas ficam nela mais tempo do que o devido. Que teria sido de nós sem seu contrapeso? Jamais teríamos vencido aquele momento de indecisão ou pânico que provoca nos indivíduos sensatos sair da cama para se internar na selva da vida. Com o tempo,

empreendeu rumo ao cerne mesmo da velocidade, uma droga que cortejou durante os anos trinta, até que começou a amá-la um pouco menos para tentar entendê-la melhor. “A ferrovia se tornou uma nova bebida alcoólica e o turismo, mais que um tônico, é um narcótico. As pessoas pedem a gritos que lhes ajudem a esquecer”, escreveu em *Le voyage*, uma indagação fragmentária sobre a figura do viajante moderno. Sua filosofia de estrada.

É provável que condenar a velocidade não ajude ninguém a domesticar sua ferocidade implícita, mas desmantelá-la através dos recursos da escrita talvez sirva para que não sejamos atropelados por ela como cachorros. Congelar a imagem. Recortar um fragmento de movimento (agora estático) antes de ligar a máquina de vertigem outra vez. Tirar uma fotografia instantânea do fim do mundo. Talvez esse álbum meditado de nossa condição efêmera possa nos devolver às rodovias da velocidade com “uma desorientação mais lúcida” (Maria Negroni).

Um romance emblemático de J. G. Ballard fez do ferro-velho um museu do tempo suspenso: *Crash*, ou a colisão como afrodisíaco. Ali os protagonistas, fascinados por uma nova idolatria, se dedicam a olhar obsessivamente vídeos de acidentes automobilísticos em câmera lenta, com a mesma excitação do espectador trêmulo diante de um *strip-tease*. No centro: o automóvel, o deus em ascensão da cultura urbana.

Quando o mundo começa a ver o acidente como obra de arte e a velocidade como fonte de prazer, os comedores de ópio mudam de substância. Já não resistem à velocidade; procuram alcançá-la, soletrar seu ditado, e o século XX desloca o império da morfina pelo da cocaína.

minha personalidade se tornou um campo de batalha em que se enfrentam diariamente os Zurov e os Oblomov, ou seja, os dois extremos que Goncharov descreveu em relação ao temperamento: a excessiva atividade e a preguiça metódica, o frenesi patológico e a indiferença em relação à agitação mundana. A mania e a depressão.

Devo dizer agora: minha mamãe também não é pontual. E não a critico por isso. Pelo contrário, acho que chegar tarde (e às vezes nem mesmo chegar) tem sido a forma pela qual ela tem se defendido de sua propensão a se encher de tarefas e compromissos, seu excessivo gosto pelo trabalho. Porque no fundo toda falta de pontualidade é um mecanismo de defesa, uma resposta crítica frente às coerções permanentes do relógio. O atrasado é um deserto do *deadline*, a linha em que morrem diariamente os soldados do sistema. Se ela chega tarde é porque busca se reencontrar com o *tempo* humano, contra-atacar a urgência com procrastinação. O atrasado diz: os ritmos das transações não são mais importantes que os tempos da minha respiração. Quer estar sozinho. Concentrar-se mais quarenta minutos em si mesmo. É um egoísta? Na verdade, um indivíduo autônomo que tem escapado, por omissão, da vigilância do ponteiro de segundo. Um rebelde passivo. Não olha a hora porque não lhe parece necessário. De algum modo, entende que o relógio também é um símbolo. É a família, a indústria, a sociedade, o dever. Obediência e disciplina estabelecem o ritmo, desde os monges medievais, da ordem no relógio. E o atrasado é visto então como um pária, até

Trata-se de algo para além do substituto ante a banalidade da existência (já Sherlock Holmes preferia os efeitos da coca “à estupidez do cotidiano”); a cocaína procura um extraordinário estímulo mental, vigor e uma capacidade de trabalho redobrada. Não é estranho que ela se tornasse a imperatriz imediata de uma sociedade que glorifica o coeficiente intelectual, a produtividade e se subleva diante da inação.

- Posso lhe perguntar se neste momento está envolvido em alguma investigação?
- Nenhuma. Por isso é que uso cocaína. Não posso viver sem fazer o cérebro trabalhar. Há alguma outra coisa pela qual valha a pena viver, Watson?

O filósofo e urbanista Paul Virilio escreveu que o processo de aceleração do mundo é irreversível, mas não por isso devemos desistir de interrogá-lo. O próprio Virilio propôs a criação de uma nova ciência, a *dromologia*, dedicada ao estudo e à análise da velocidade, ou seja, à compreensão do transe descomunal em que estamos metidos desde que Doutor Johnson começou a correr sobre sua carroça rumo ao nada. A tarefa parece não apenas fundamental, mas urgentíssima, como tudo nessa época ultrarrápida, ou um dia qualquer a realidade se extinguirá diante dos nossos narizes por excesso de velocidade, como já ocorre com boa parte da nossa existência que consiste em ir de um lado para outro sem parar, ou seja, sem tempo para viver.

“É preciso ter tempo se desejamos nos entreter com relógios”, escreveu Ernst Jünger em seu livro consagrado à ampulheta, o único tipo de relógio que tolerava em seu escritório,

mesmo um traidor. É castigado, demitido, perde a palavra. Ninguém tem permissão para permanecer absorto.

Mas a falta de pontualidade não é outra forma de pressa?

Uma voz no rádio diz que são sete e quarenta e cinco. O alarme tocará às oito. Nessa manhã, que são todas as manhãs do mundo, vejo em mim a atrasada que eu já sou. De repente sinto ansiedade nas pernas, essa crispação de nervos, característica dos animais urbanos ameaçados pela pressa. No carro, nós três ficamos em silêncio, como se manter a boca fechada nos ajudasse a chegar na hora. Fora: o ruído das buzinas; dentro, o vapor nas janelas e as sequências publicitárias da “Hora Exata” que permanecem quase intactas na memória. *Chocolates Turim, sabor do início ao fim. A publicidade é assim, indelével. Sobretudo se escutada obsessivamente no caminho da escola: Sabão do Tio Nacho, desinfetante da pele e do couro cabeludo. Mestre mecânico, Marcos Carrasco, garante rigoroso controle de qualidade em retífica de motores. Atenção Reis Magos! Bicicletas, motocicletas, brinquedos, patinetes. Casas Radioamérica, Argentina número 44. Para móveis nem pensar, só Baltasar, a esquina que domina: Aldama e Mina, Buenavista. De Sonora a Yucatán se usam sombreros Tardán. Por seu magnífico sabor e deliciosa suavidade, a cerveja é Corona. XEQK proporciona a hora do Observatório, a mesma de Haste, um novo conceito de tempo:*

Sete da manhã e cinquenta e seis minutos. Sete e cinquenta e seis.

justamente porque não tinha nada a ver com o incômodo tic-tac de um mundo demasiado agitado e demandante. O *tempo* da ampulheta é, para Jünger, a representação de nosso tempo mais íntimo, um tempo que está “vivo não apenas em nossos dias da infância, de férias ou no jardim, mas sim vivo nas profundidades de nosso ser, lá no fundo dele”. É o tempo que o homem passa em seu ócio ou entregue às tarefas do espírito, como ocorre naquela gravura de Dürer, *São Jerônimo no estúdio*, que mostra o santo absorto em seus pensamentos enquanto às suas costas o vigia, sem interrompê-lo, uma ampulheta. É preciso tempo para pensar, diz Jünger, e seu livro não é nada além de uma dilatada reflexão, não isenta de melancolia, sobre a perda da faculdade de pensar, uma perda associada à constante ligeireza da civilização mecanizada. “Quem vive completamente imerso neste orgulhoso nosso mundo de titãs, em seus prazeres, seus ritmos, seus perigos, poderá chegar a fazer grandes coisas nele, mas o que não poderá fazer é criticá-lo”.

Em dois séculos, a velocidade se transformou no grande absoluto ao redor do qual se organiza todo o sistema, desde as teorias científicas até a vida cotidiana, o trabalho, a educação, a comida, os sentimentos. O ritmo da cidade global, com seu horário 24/7 (a toda hora, todos os dias), nunca se interrompe. Durante a noite, enquanto a América dorme, as redes cibernéticas continuam a ditar sua mensagem a partir do outro lado do mundo e, ao despertar, a secretária do departamento de faturas encontrará sua caixa de entrada com toneladas de e-mails por responder, ou seja, de trabalho acumulado. Não é estranho que hoje o tempo tenha se encolhido pavorosamente, e a humanidade inteira sinta que o dia não é suficiente, que seu ritmo, um

Que experiência inesquecível – quer dizer, traumática – a de escutar em tempo real a precipitação dos minutos em direção ao nada. Em geral, a passagem do tempo é uma experiência discrepante; de repente olhamos o relógio e já somos trinta anos mais velhos. Mas com os locutores da XEQK, que corriam boquiabertos como os cavalos do hipódromo, não havia meio de escapar. *Neste fim de semana no Hipódromo, Jessie e Colorido, não perca outros nove páreos espetaculares*. Por que escutávamos a XEQK a todo volume? Fazíamos para nos angustiar ou para nos distrair da angústia? De qualquer modo, esse era o *novo conceito de tempo* ao qual eu entrava toda manhã pela janela dos meus dez anos: a sincronização universal dos tempos do sistema. Uma década depois, essa dimensão temporal, definida pela urgência e pelo cronômetro, se transformaria na forma organizadora de toda a vida cotidiana, as atividades financeiras, o trabalho, as comunicações, os afetos. O planeta do Tempo Real. Desde que Frederick Winslow Taylor introduziu no século XIX a administração científica do tempo na fábrica (relógios que mediam todas as operações dos operários) até a perspectiva hegemônica do tempo real (a rápida transmissão e processamento de dados orientados para fazer transações conforme se produzem), nossos ritmos se colaram à ética da manufatura industrial cujo lema é: máxima velocidade, máxima eficiência, máximo lucro. De acordo com Nicholas Carr, em seu livro [A geração superficial:] *O que a internet está fazendo com os nossos cérebros?*, a ética taylorista encontrou sua maior expressão no

ritmo demasiado humano, já não corresponde às exigências de uma realidade dominada pelo ímpeto da máquina digital e ordenada sob a cadência insensata da *stock exchange*.⁵

“Não tenho tempo para nada!”, eis aí o grito geral de um planeta doente de velocidade.

“Buscávamos a arte elementar de curar o homem do frenesi dos tempos”, era isso o que queriam Jean Arp e os artistas do dadaísmo na arrancada do século XX, um século que empregaria como nenhum outro a força da velocidade não apenas para democratizar o conforto, mas também para arrebatá-lo do mundo rapidamente, graças à capacidade destrutiva da Grande Guerra, aquela violência multiplicada por radares, baionetas e aviões, um arsenal ultraveloz que exilava o homem da vida, como fez com Arp, que em muito pouco tempo fugiu para Zurique, uma cidade pequena e lenta e alheia à guerra, onde armaria um grande escândalo e uma revolução estética (uma forma, dizia, “de restaurar o equilíbrio entre o céu e o inferno”), junto com seus amigos de protesto que dissolveram as fronteiras entre as linguagens para dar um dinamismo, até então desconhecido, à literatura e à arte, um dinamismo violento e explosivo como o dos “pistões ansiosos e o carvão que queima”.

Agora, como há cem anos, a dinâmica da aceleração continua a exilar o homem de si mesmo, e até da própria velocidade: como não imaginar a decepção que Marinetti sofreria naqueles dias, surgido de seu fulgurante automóvel rumo ao tráfego que paralisa as cidades? A velocidade que os futuristas celebravam nos parece menos

ciberespaço: uma máquina desenhada para a coleção, transmissão e manipulação eficiente e automatizada de informação. Como Taylor, as legiões de programadores do mundo se concentram em desenhar um método que aumente o *rendimento* das comunicações, ou seja, que acelere o movimento do “trabalho do reconhecimento”. Essa é a hora Haste Haste de nossa mente. Trata-se da colonização de nosso cérebro pela máquina ou o contrário: determinamos que a máquina avance à velocidade de nosso cérebro?

Há meses que ligo meu computador com certo tremorzinho nos dedos, um desejo imperioso apenas comparável ao que sentia na minha época de fumante. A cada duas horas (às vezes, menos) reviso obsessivamente meus e-mails e as respostas e interações geradas com meus tuítes. Abominava o Facebook (essa encarnação do tédio e do desperdício do tempo mais íntimo), mas de repente senti que me tornava antiquada e antissocial e agora me vejo alimentando meu status duas ou três vezes ao dia. E mantenho dois blogs (o terceiro, dedicado à deriva, morreu de inanição). Apesar de meu ceticismo, eu corro, como o resto da humanidade, rumo ao futuro. Não me justifico, mas é claro que me submergi no fluido da informação por razões políticas, uma tarde em Paris, depois de uma ação urbana que realizei junto com um grupo de mexicanos radicados na França. Tratava-se de um protesto no Trocadero contra a estúpida guerra contra o narco empreendida pelo governo mexicano, que já havia então custado mais de 30 mil mortes, um estado injustificável de

5 [N.t.] Stock exchange: em inglês no original, bolsa de valores.

atrativa que então, talvez porque deixou de ser um meio a nosso serviço para nos transformar em seus servos. Mas não era essa a política da velocidade que Marinetti celebrava? Um fascismo da imediatez. Acabamos por ser isso: os funcionários esgotados de uma velocidade autoritária e onipresente. “O que há em mim é sobretudo cansaço/ um supremíssimo cansaço íssimo, íssimo, íssimo, cansaço”, escreveu Álvaro de Campos, encarnação do homem com olheiras, espoliado pela velocidade. “Eu, cheio de todos os cansaços... o cansaço antecipado e infinito/ o cansaço de mundos para apanhar um eléctrico”.⁶

Como valor supremo da economia turbo (com rodovias, superportos, túneis, macroaerportos e trens de alta velocidade viajando em todas as direções a 300 km/h), a pressa abstrata e louca perdeu sua dimensão humana, e o homem está fora de ritmo. As avenidas vão se povoando de sombras nervosas, uma massa de semblantes aturdidos que perderam seu rumo e já não querem prosseguir. A era da revolução do microchip se tornou também a era dos homens exaustos.

Me inteirei recentemente de que ao vocabulário de nossos mal-estares se somou um novo termo: *time-sickness*, a percepção obsessiva de que o tempo se esvai, as horas extras já não bastam e é necessário pedalar cada vez mais rápido para seguir (não se sabe para onde, não se sabe por quê). Um novo mal para este milênio repleto de novos males, que poderia se chamar também “Síndrome do Coelho Branco”

6 [N.t.] Os versos de Álvaro de Campos citados neste parágrafo são de três poemas: “O que há”, “Eu, eu mesmo” e “Adiamento”. Eléctrico é o veículo que no Brasil conhecemos como bonde.

terror e violência que se aferrava em continuar com uma estratégia totalmente falida. Os que participavam na ação se comunicavam invariavelmente por Twitter, Facebook e, por vezes, pelo celular. Eu estava desconectada. Era a véspera dos indignados na Espanha e em Wall Street, e na Europa a Primavera Árabe era uma referência que despertava o entusiasmo dentro e fora do ciberespaço. Foi então quando minha postura conservadora frente às redes sociais sofreu um deslocamento que começou como uma atitude política (um entusiasmo inconformado propagado de tuíte em tuíte), mas que em pouco tempo se tornou pura e simplesmente um novo vício.

Como escrevo e trabalho em meu escritório, passo uma boa parte do dia diante da tela. Ali, imóvel, sinto diariamente a vertigem da comunicação instantânea, a conexão de centenas de milhares de circuitos neuronais cruzando-se sem se tocar nos fluxos da rede. Breves estalos, disseminação das frases, pensamento não linear, contatos efêmeros com as palavras de outros. E um princípio de sedução implícito. Em geral, a perspectiva me parece extraordinariamente estimulante. Quem sabe porque toda esta sociabilidade repentina contrasta com meu habitual hermetismo. Estarei me tornando outra pessoa? As redes sociais têm o efeito do álcool nas festas agitadas: precisamos de uma máscara para atuar como nós mesmos. E também: nos adornamos para sermos vistos, como animais no cio. Arrumamos nosso perfil, postamos fotos retocadas, procuramos frases excepcionais. E no caminho se produzem altas doses de dopamina, endorfinas e prazer,

ou “Síndrome de Benjamin” (em homenagem a Benjamin Franklin, esse homem infatigável que, além de ter sido um dos pais dos Estados Unidos, inventou o para-raios, negociou tratados com as confederações indígenas, formou uma milícia para construir fortes fronteiriços, fundou a primeira companhia de seguros, o primeiro corpo de bombeiros e o primeiro jornal independente e desenhou a primeira caricatura política de seu país, e depois de tudo isso ainda teve tempo, talvez porque dormia menos de seis horas diárias e vivia sob um cronograma estritamente regulado, de configurar a ética do trabalho que dominaria o mundo pelos séculos seguintes, em livros como *The Way to Wealth*, no qual apontou: “Mas quanto tempo desperdiçamos em dormir!”). Não é estranho que nos Estados Unidos, a pátria da velocidade, o mal-estar do cronômetro tenha se tornado pandemia, segundo as estatísticas proporcionadas pelo doutor Larry Dossey, que cunhou o termo *time-sickness* em 1982, após ter padecido ele mesmo os efeitos do nosso *orgulhoso mundo de titãs*. Agora a pandemia se estende não apenas pelo Ocidente, mas também em países orientais que haviam vivido historicamente sob a sábia filosofia do repouso, como a China. Porque o que está ocorrendo agora, aqui e em toda parte, é o ultracapitalismo e não há fábrica ou oficina em Taipei ou Bangalore que não tenha sido contagiada por fim pela angústia do tic-tac. Faxes, celulares, alarmes digitais, *bippers*, *ringers*, *timers*, esta é a irrefreável produção de artefatos que não deixam de nos convidar a orar: “Ah, meu Deus, vou me atrasar!”, essa nova Liturgia das Horas.

Existe uma angústia da velocidade que consiste na renúncia radical à vida, no esquecimento do ser. Se sob a estrutura da jornada de

recompensas altíssimas; porque a espécie sempre tem premiado isso: a sedução. Conectar-se à rede é ligar o artefato dos emparelhamentos ilusórios. E sem consequências reais. A internet é melhor que a pílula! Mas quão vulnerável é ainda o ciberviciado ao despertar de seus excessos, instalado nas novas patologias do eu digitalizado, onde ruma sem auxílio. Que resacas insuportáveis, um *não vá mais* que ele se repete no dia seguinte ao embotamento, as dores nas costas, as câibras no cotovelo. Já me senti assim algumas vezes. Mas há feridas mais profundas que essas, um confinamento definitivo, um esquecimento de si. No capitalismo dos fluxos, o *direito* de desejar é também o *direito* de ficar insatisfeito.

O que eu descrevo não é uma sintomatologia incomum, mas o gesto cotidiano de centenas de milhares de pessoas ao redor do mundo: desenvolvi uma síndrome obsessivo-compulsiva, parecida à dos consumidores incontinentes ou dos viciados no jogo, enfermidades do capital e seu maquinário de seduções intermitentes. Em minha tela *multitasking* reverberam neste momento dois tuítes que tomo emprestados, como ressonâncias de uma mesma impaciência (e essa homogeneidade é suspeita): “Se descompôs meu fiel *notebook* e voltei a trabalhar no Dell do escritório. É lento, lento, lento. Grrrr”, “adolescente na fila da loja de conveniência: Me deixa passar antes? Eu preciso pôr crédito urgente para responder uma mensagem”. Eu também me inquieto se estou longe do computador e logo que chego ao meu apartamento me dirijo ao monitor, para minha

trabalho o tempo já não nos pertence, mas nós que pertencemos a ele, tanto pior se essa jornada se prolonga indefinidamente e nos segue a toda parte com trabalho que se leva para casa, balanços que se resolvem durante a viagem de avião, telefonemas que não param na hora da comida. A angústia da velocidade é sacrifício do *tempo próprio* (o tempo do sonho e da conversa, do amor e do corpo, da contemplação e de tudo que serve ao prazer das pessoas livres), por *tempo ganho* (o tempo dos negócios). Poupar tempo é ganhar tempo, e se o tempo é ouro, aquele que o poupa e o ganha se enriquece. E dado que nossa época obedece como nunca a exortação de fazer dinheiro, considera-se legítimo e até admirável desaparecer a conversa fiada após a refeição e tornar o restaurante uma extensão do escritório. Render ao máximo, isso é a velocidade. Deixar a sesta. Quem entre os novos ascetas entregues à sagrada causa laboral se oporia hoje a uma nova reforma: a abolição do domingo?

É a hora das grandes impaciências, dos desajustes prematuros. E um belo dia, toca à porta o *burnout*: o cansaço de todos os cansaços, até o último cansaço, depois do qual apenas resta um grande vazio. Nenhum afã já, as mãos já não pegam nada. Toca o telefone, ninguém responde. O *burnout* é a prostração de um sistema nervoso exausto, uma ressaca por overdose de eficiência. Síndrome do Esgotamento Profissional. Seus efeitos estão para além da fadiga física, as dores de cabeça, as úlceras, as insônias, as irritabilidades. O *burnout* é o prelúdio da morte do espírito, o alto preço pago pelos soldados do dever, fustigados por um relógio tirânico (cada vez mais horas, cada vez mais rápido, “quase não é o suficiente”). O corpo cansado é um corpo que se rebela, um

dose do dia. Se o buscador não aparece de imediato, me desespero; minha urgência não tolera as falhas da banda larga. Sei que estou em zona de risco. Não é nova para mim. Conheço-a desde que tinha quinze anos e fumei meu primeiro cigarro. Uma noite, dez anos depois, traguei três maços seguidos. Escrevo aqui para me curar? Nos intercâmbios ultrarrápidos do Twitter, não há tempo para a análise. A escrita em tempo real não tem peso, carece de profundidade. (Não poderia ser de outra forma. Sem a dispersão nem o *surfing*, sem esse movimento veloz sobre a superfície, o que sobraria da internet? Nada. Se tornaria chata, como tem sido habitualmente nossa cultura. Se perderia seu caráter vaporoso, ligeiro, sensual, desenvolto. Teríamos profundidade, mas sem a excitação das ideias simultâneas.) Se eu busco minha desintoxicação no ensaio é porque sua escrita me exige um retardamento, uma demora. Nele, todo tempo real é descompassado pela dúvida. Me afasta da impaciência e de qualquer contingência efêmera. Me devolve a meu lugar. Um ensaísta no Twitter pagaria o que fosse por ter calado. Conheço um, meu amigo, que apaga sistematicamente seus tuítes. Será porque também suspeita que a velocidade se tornou nosso melhor álibi para não pensar?

“O mediano é rápido. O gênio é lento”, escreve Baricco em *Os bárbaros. Ensaio sobre a mutação*. Esse livro me interessa, embora suas estratégias retóricas tenham me aborrecido um pouco, porque escrevo marcada pelas duas tensões que se descrevem ali: o caráter

corpo que se colocou em greve e defende seu direito a repousar. Através do esgotamento, o tempo biológico tenta lhe impor um compasso distinto ao homem do tempo frenético; lhe diz: “Pare...”. Mas o *burnout* é um alarme tocado fora de hora, quando o corredor já perdeu impulso e se transformou em um estranho para ele mesmo. O que acontece parece na verdade um freio inútil, um freio após a catástrofe. Ansiolíticos para retardar um corpo inerte. E então os médicos aconselham uma “cura de repouso” que devolva o paciente à vida: conversar com os amigos, ir ao cinema, beber uma taça de vinho de vez em quando, brincar com os filhos, ensaiar uma nova ginástica amorosa, desligar o celular. Como deixaram de ser homens, os soldados da eficiência precisam de outros para lhes recordar quem são.

Sêneca advertiu algo semelhante sobre o homem ocupado, um personagem anômalo na cultura latina: “Pensar que tem gente que precisa confiar em outro para saber se está sentada! Um homem assim não é um ocioso, é preciso dar-lhe outro nome: é um doente, mais ainda, é um morto. É ocioso aquele que tem a sensação de seu próprio ócio. É morto-vivo o que precisa de um indício para se dar conta dos hábitos do próprio corpo. Como este pode não ser dono de tempo algum?”

De Quincey intuiu que a velocidade se transformaria na rainha indiscutível da morte súbita, cuja variante laboral poderia ser hoje o *karoshi*: trombose, hemorragias cerebrais, infartos do miocárdio, o colapso repentino do corpo provocado pelo excesso de trabalho, um ir para além das próprias faculdades, meter o pé no acelerador até o fim para fazer explodir os pistões do coração. Em 1969, no Japão, o monstro

contemplativo, melancólico, solitário e lento de um mundo em vias de desaparecer, e a chegada de um temperamento cheio de novos valores entre os quais se encontram a rapidez, a espetaculosidade, a dispersão eletrônica, a dissolução de certas verdades e hierarquias, “uma revolução tecnológica que rompe de repente com os privilégios da casta que ostentava a primazia da arte”. Sei que poderia me tornar *junkie* da internet, instalada no fluxo acelerado das partículas, na morte dos afetos reais e do contato físico, o estado grogue de uma insensibilidade generalizada, se não fosse porque acredito que uma vida sem reflexão (e acrescento: sem corpo) não vale a pena ser vivida. Agora mesmo, busco no Google a frase de Sócrates e a encontro a toda velocidade. Não tive que levantar de meu assento nem buscar penosamente nos *Diálogos* de Platão, perder tempo. Já se assoma a bárbara que existe em mim, porque vivo simultaneamente em dois ritmos contraditórios, a lentidão e a velocidade, o humanismo e a técnica, e assim viajo a cada dia, longe do conforto de uma e outra, sempre com um pé fora do veículo, como os usuários dos micro-ônibus na Cidade do México, prontos para descer em pleno movimento.

Na velocidade existe um paradoxo iniludível em que se combinam o prazer e a catástrofe. Do outro lado desta página falo da catástrofe; aqui tratei de descrever o prazer.

“A bela marcha da pressa, lentamente”, escreveu Cocteau em Ópio. Diário de uma

asiático do controle de qualidade, um empregado de vinte e nove anos que trabalhava horas extras em uma companhia jornalística faleceu por causa de um infarto. Tratava-se do primeiro caso conhecido de *karoshi*, depois do qual eles não pararam de ocorrer a toda hora (as estatísticas do ministério japonês do trabalho reportam 10 mil mortes por ano).

Leio, em uma página da internet dedicada à defesa das vítimas de *karoshi*, a história do senhor Yagi, um homem que trabalhava quatorze horas diárias e gastava três horas e meia no trem para ir e voltar do escritório. Morreu aos quarenta e três anos; em seu diário pessoal escreveu: “Ao menos os escravos tinham tempo para comer com suas famílias”.

Um mundo que vive apenas para trabalhar e trabalha até morrer é um mundo de pessoas que têm dificuldade de digestão e que se prepara para se transformar em um mundo de semideixados. Com todo esse rigor de marchas forçadas só se conseguiu que a vida já não mereça ser vivida. No Japão, o número de mortes causadas pelo excesso de trabalho se soma ao número de suicídios originados pela falta dele. Durante seu percurso anual pelos bosques de Aokigahara, no fim do ano passado, a polícia japonesa encontrou setenta e três cadáveres, a maioria de jovens que tiraram a própria vida porque não encontravam trabalho ou tinham sido demitidos. As pressões que o sistema financeiro atual exerce têm levado as corporações (empresas sem consciência ética cujos interesses estão acima dos indivíduos) a fazer cortes constantes de pessoal e a sobrecarregar de tarefas o senhor Yagi, para ajustar-se aos custos internacionais. Desse modo, os que trabalham o fazem sob condições de pressão

desintoxicação. Todo estado alterado de consciência começa assim, com uma percepção paradoxal do tempo. Alguém terá que escrever algum dia sobre a química da velocidade como já se fez sobre a natureza de outras drogas. Que substâncias empurram a corrente sanguínea para o acelerador, que taquicardias nascem no contato com o volante. Um cientista mexicano, Luis Eugenio Todd, encontrou o lugar em que habita a gulosidade: o sistema límbico, a região cerebral que está associada às satisfações. Trata-se de nossa pequena selva de animais no cio. Ali, todo ato de sobrevivência é recompensado com prazer: o desejo sexual, a sede, a fome, o medo. Se a área cortical do cérebro, o lugar em que estão os pensamentos, a razão e o conhecimento, é, à exceção do sistema límbico, o que nos distingue dos animais, então todo este sentimento de que se acabou, essa sensação de estar vivendo uma nova invasão bárbara, a destruição da “alma da civilização” por uma série de valores supérfluos, não é nada além de uma batalha no interior de nossos cérebros. O império da velocidade é o advento de nosso lado mais selvagem. Fomentar o desejo, a insaciabilidade, o prazer, não são essas as funções do império da publicidade? Milhares de milhões de dólares investidos a cada ano para dar de comer a nosso animal, reprimido por vários séculos de racionalismo. De repente a denominação de “capitalismo selvagem” adquire para mim um novo sentido.

Em *Doenças do século XXI*, Todd traça uma topografia cerebral, com incêndios e saturnálias, para nos explicar que o sistema

inaceitáveis que suportam – dispostos inclusive a desmaiar – apenas por medo de perder o pagamento quinzenal, e os desempregados preferem o suicídio a uma vida vergonhosa (sob a moral japonesa de que não há pior desonra que a impossibilidade de servir à sociedade).

Penso nesse bosque de cadáveres aos pés do majestoso monte Fuji e me lembro daquela frase de Morand: “A velocidade é uma rota semeada de mortos, uma sede perpétua que nada sacia, um suplício omitido por Dante”. Talvez Aokigahara seja como uma fotografia funesta, o emblema de um porvir em que as aflições associadas à nossa obsessão pela velocidade se tornarão habituais, ou mesmo crônicas.

Não seria oportuno que alguém se desse ao trabalho de inventar uma nova máquina, a Máquina da Lentidão, um artefato impossível, capaz de desacelerar o tempo e de reconquistar as horas de ócio, as caminhadas morosas e sem rumo fixo, as leituras demoradas em posição horizontal? Seria uma máquina de dimensões humanas que nos livraria do jugo das máquinas e nos devolveria a possibilidade de meditar um pouco sobre nós mesmos. Teria que ser um artefato lento, até mesmo vagaroso, parecido a uma bicicleta ou a um pesado moinho, em que a velocidade seria finalmente domesticada. Ao fazê-la girar, a cidade adotaria um novo ritmo, sem se deixar atropelar nunca mais pela pressa ou pela fadiga. Sob seu influxo liberador, a xícara de chá duraria meia hora e as pessoas aprenderiam a saborear o vinho em goles lentos, interrompidos por frases engenhosas na conversa. Os restaurantes de fast-food permaneceriam vazios, e as pessoas se recostariam e se deixariam cair em redes muito fundas. Os amigos aprenderiam a arte de passar

límbico é o mesmo que se altera quando se consome maconha, cocaína, café, álcool, nicotina. Então, todo o lado esquerdo deste ensaio não seria nada além de uma forma de me proteger dessa margem selvagem que o capitalismo alimenta como uma besta desesperada? Um ensaio cortical? Um ensaio que acredita na lentidão, na dúvida, no pensamento. Um ensaio civilizado, um gênero humanista. Mas deste lado pratico um ensaio límbico: subjetivo, zigagueante, atento às vísceras, pós-humano. E nele gostaria de reivindicar certa ideia de prazer que o cérebro experimenta ao se internar nos rizomas da internet, mas não esse entretenimento que se esquece do corpo e de si, não um hedonismo atizado pelo consumismo. Mas um prazer que se interroga e que faz da velocidade das redes e suas possibilidades, mas também da deriva urbana, dos banquetes e da conversação, um espaço para fomentar a insolência e planejar a diatribe.

As rodovias do excesso nos conduzirão, como escreveu William Blake, ao palácio da sabedoria?

A velocidade é muitas vezes uma forma de violência, inclusive nas situações mais anódinas. Me lembro da tarde em que preparei pela primeira vez um mate, uma substância inócua se pensamos no café ou na cocaína. Por ignorância eu bebi muito rápido, ignorando o ritual moroso de sua preparação e sua companhia. Muito rápido, a mateína, um alcaloide que tem a particularidade de acelerar os processos mentais e incrementar os estados de alerta, me subiu à cabeça.

toda uma tarde no café e às segundas celebrariam a Corrida do Ciclista Mais Lento, uma prova cuja única finalidade, como no aforismo de Wittgenstein (“na corrida da filosofia, vence aquele que consegue correr mais devagar”), seria chegar em último. Atentos às minúcias do caminho nas quais jamais haviam reparado, os ciclistas filosóficos se empenhavam em uma proeza extravagante: coroar-se no pódio da imobilidade. Ninguém iria querer se cansar, nem ultrapassar seus rivais; para esses atletas da lentidão, a verdadeira vitória consistiria em não cruzar a linha de chegada.

Talvez essa grande máquina, que imagino agora com forma de ampulheta, de onde os acelerados saíam andando devagar, existe desde que De Quincey colocou uma pausa na fatalidade, antes de fazer uma virada equivocada sobre a estrada. Essa máquina de desaceleração é a escrita, capaz de retardar o curso do tempo. Penso no dia de Leopold Bloom, o dia mais longo da literatura, em que um par de horas ou quinze minutos podem se amplificar durante duzentas páginas. Ou nas digressões de *Tristram Shandy* que fazem recuar a trama cada vez que avança. Shandy foge dos relógios porque não quer morrer. E encontra na digressão (um recurso que multiplica o tempo no interior da obra) a melhor arma para se esconder da horrível velocidade.

“Lentidão, sinal de ócio”, escreveu Valery Larbaud, em um ensaio contra a velocidade que dedicou a seu amigo Paul Morand, para insistir na defesa de uma existência mais pausada, como a que levava seu heterônimo, A. O. Barnabooth, poeta sem pátria, ocioso e multimilionário, que reunia como ninguém o privilégio de ter um tempo próprio. No ensaio, Larbaud

O mundo me parecia desesperadamente lento. Os garçons, obtusos; as pessoas, imbecis. Me transformei em um ser despótico e impaciente. Usei a palavra “cretino” pela primeira vez. Meu marido percebeu meu nervosismo e para brincar comigo começou a atuar e a responder com uma lentidão desesperada e exasperante. Se mostrava distraído, ficava em silêncios prolongados. Se ausentava. Ele atuava sob meus ritmos habituais (essa lentidão minha que às vezes o tira do sério), quando não estou sob os efeitos do estresse ou da pressa. Ele era eu e tinha vontade de matá-lo.

Talvez o ensaio faça isso: contrastar as velocidades. Se detém de repente para que possamos perceber nosso excesso de velocidade. Olha os detalhes amplificados do acidente em câmera lenta. Interroga, inclusive se não há tempo para fazê-lo. Prefere entender a não entender. Desmantela. E nisso é contrário à lisura das rodovias da informação; se move entre as coisas como um molusco, inclusive quando voa. Por isso, não suporta os adeptos impacientes e torpes. Os frívolos. Se afasta deles, condenando-os à incompreensão e ao acidente.

Em “A mão lenta”, Roland Barthes diz que toda a evolução da escrita (digamos, do ato gráfico da escrita, desde a escrita demótica até a taquigrafia) se deveu a uma necessidade de escrever mais rápido. Por quê? Porque esse era o ritmo que impunha o comércio. As sociedades que escreviam mais rápido, ganhavam tempo, ou seja, dinheiro. Para escrever a uma velocidade maior, os sumérios passaram

fala de certo personagem anômalo que descobriu em uma cidade estrangeira. Todas as noites, até as onze e meia, ele via de sua janela passar um carro silencioso, elegante e novo, que percorria a avenida tão suave e lentamente que parecia prestes a se descompor. Quem era aquele homem que podia bancar o luxo de tanta lentidão? Tratava-se do rei, de quem mais, o aristocrata desertor do ritmo geral. “A velocidade – escreveu Larbaud – invadiu a tal ponto nossas horas de ócio, desse pouco ócio de que dispomos, que a lentidão tende a se tornar, a cada dia, uma mercadoria rara e preciosa”.

Agora que termino estas notas, que se assemelham cada vez mais a um informe clínico, quero pensar que a literatura pode ser esse veículo silencioso e lento que percorre as avenidas da noite na contracorrente, um veículo excêntrico e indolente no qual as pessoas se deslocam na direção contrária aos fluxos financeiros. Talvez a literatura não nos cure da velocidade (nada mais desalentador, pensava Walser, que os livros saudáveis), mas escrever e ler talvez possam nos aproximar do conhecimento de sua tragédia inerente ou ajudar-nos a decifrar em que estamos nos transformando e qual é a direção imprevisível para a qual nos arrasta o nanossegundo.

Coda (lentíssima). Diógenes, o cínico, celebrava a nobre arte de deixar as coisas por fazer. Ninguém merece ser mais admirado, dizia, que aquele que ia se lançar ao mar e não zarpava, o que se dispunha a casar e não casava, os que estavam preparados para aconselhar os poderosos e não se aproximavam deles. Faz tempo que busco o rastro desses homens de passo lento e indeciso, esses fugitivos da ação. Gosto de imaginá-los detidos subitamente em

do pictograma à escritura cuneiforme. Levantar a caneta faz a escrita perder tempo? Não a levantemos mais: eis aí a origem da letra manuscrita. Nas cursivas é possível ver como correm as grafias. Também é certo que existe uma rivalidade entre a velocidade gráfica e a velocidade mental. Disse que sou lenta e, apesar disso, não escrevo mais a mão: gosto da experiência de ver como se produz o texto na tela à velocidade do meu pensamento. Sonho com a possibilidade de uma escrita estenográfica que passe diretamente da minha voz à tela, ou melhor, da minha mente ao livro.

A velocidade do computador é fascinante porque parece emular nossa velocidade mental. Discorrer é como correr, dizia Galileu para defender um método fundado na economia dos argumentos e na agilidade da reflexão. Sendo, como foi, um visionário, Galileu empalideceria diante de nossa perspectiva do pensamento transmitido em tempo real. Nunca antes o escritor havia tido uma resposta tão imediata de seus leitores como agora no Twitter. Twitter é a velocidade (e a democratização) máxima em escrita. Justamente em meio aos funerais da escrita! É provável que tenhamos encontrado um novo placebo, mais eficaz que as bolsas do Estado; minuto a minuto, até o poeta mais abatido pode sentir que alguém o lê e está vivo. Não me estranha, portanto, que tantos intelectuais se sintam seduzidos pelos 140 caracteres; eis aí uma nova sensualidade da cabeça.

Escrever com lentidão é ir contra um maior rendimento da escrita? Ou é simplesmente uma forma de preguiça? Talvez escrever

meio à sufocante atividade da cidade, como se fossem os atores de um filme incompleto, um filme no qual deram uma pausa para sempre. Faz tempo também que queria escrever um conto sobre eles. Seria o relato de um grupo anônimo de garçonetes, caixas, vendedores de seguros, editores de jornal, que, um belo dia, ao sair à rua para comprar cigarros para logo voltar à labuta, simplesmente não regressam e ficam parados, imóveis, em meio ao frenesi caótico do mundo. Uma conjura de seres parados nas esquinas, contemplando o céu enquanto a agitação das avenidas e dos automóveis lhes passa ao largo. Algum dia escreverei esse conto, mas não tenho pressa: faz tempo que joguei meu relógio no lixo.

com lentidão ensaios digressivos que postergam em cada página sua conclusão seja uma forma deliberada de fracasso, uma ética antagonista da ética taylorista aplicada ao texto. Escrevi este ensaio três vezes. Na primeira, ele corria rumo ao final, sem se desviar; na segunda, se acidentou e se quebrou em fragmentos disseminados e desconexos; na terceira, que é esta, se escreve às margens, questionando seus próprios fundamentos. Reescrevo o mesmo ensaio como se não quisesse terminá-lo. Uma estratégia para retardar a chegada, um desmantelamento do êxito no interior da escrita. Isso é a digressão, outra forma de não ser pontual, e por isso escrevo ensaios. Durante muito tempo tive a sensação de que chegava tarde a tudo. Na universidade, por exemplo, era a última a entregar e às vezes levei meus trabalhos para a casa dos professores, porque o prazo havia terminado. Me aceitavam porque lhes entregava “bons textos”. Era lenta, me esmerava em demasia. Agora mesmo, meus editores esperam este livro, que se tarda em concluir. De onde vem minha lentidão? Exijo meus quarenta minutos extras comigo mesma, sobretudo na hora mais importante do dia: quando me sento em uma cadeira e me coloco a pensar.

Caderno de Leituras n.105

Notas sobre os doentes de velocidade

Vivian Abenshushan

Coordenação editorial Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte Luísa Rabello

Tradução Gabriel Bueno da Costa

Revisão da tradução Clarissa Xavier

Revisão Flávia Durães

Projeto gráfico Rita Davis

Composto em GT America

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, maio de 2020

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo
à Cultura de Belo Horizonte. Patrocínio UniBH. Projeto 0699/2017.

REALIZAÇÃO

unibh



INCENTIVO

LMIC
LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**